

Caxias e a sua defesa no Senado

Uma análise pós-ação para a História da Guerra da Tríplice Aliança

*Luiz Augusto Rocha do Nascimento**

Introdução

A carreira das Armas encerra peculiaridades que poucos, fora dela, entendem. Exigiu dos soldados, ao longo do tempo, uma série de renúncias e sacrifícios. Sua profissão não é menos nobre que outras. Contudo, o ofício da guerra levou os homens que não serviram a não compreender as suas peculiaridades. Assim, muitas vezes na história, os grandes soldados não foram devidamente reconhecidos. Muitas vezes, perseguidos, difamados ou coisa pior.

Luis Alves de Lima e Silva, o duque de Caxias, foi um desses grandes soldados. Sua espada serviu o Império por toda a sua carreira. Cruzou o país de norte a sul, impondo a ordem e selando a paz. Jamais apoiou a rebeldia, o enfrentamento à autoridade estabelecida e a desordem. Zelou pela fraternidade entre os brasileiros, mesmo entre aqueles que desejaram não ser mais brasileiros.

A sua última campanha militar, a Guerra da Tríplice Aliança, porém, atçou sobre ele uma série de ataques à sua conduta

nessa guerra. Sua honra e sua carreira foram postas à prova. Suas decisões sofreram sérios questionamentos. Sofreu ataque nos jornais e na tribuna do Senado, onde era congressista pelo Rio Grande do Sul. O duque, porém, permaneceu distante dos detratores e em silêncio com relação às acusações a ele dirigidas.

Uma das máximas conhecidas pelos militares é a de que a análise das decisões tomadas depois da guerra não serve para suas revisões. Os estudiosos são capazes de aprender com elas, tirar lições, rever sua doutrina, aperfeiçoar seus protocolos. No entanto, passada a batalha, com dados conhecidos, com a situação toda conhecida, não se decide de novo. Como reconheceu Caxias:

Senhores, não há nada mais fácil do que criticar operações e indicar planos mais vantajosos depois de os fatos estarem consumados, de longe e com sangue frio. Mas o mesmo não acontece a quem se acha no teatro das operações, caminhando nas trevas, em um país inteiramente desconhecido e inçado de dificuldades naturais.¹

A Guerra da Tríplice Aliança, em seu início, contava com o apoio do país. As guerras externas brasileiras, muito centradas nas

* Cel Cav R/1 (AMAN/87, ESAO/95), graduado em História (UNOPAR/16), especializado em História Militar Brasileira (UNISUL/13), membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/DF – Academia Marechal José Pessoa, membro do IGHMB. É pesquisador associado do CEPHiMEX.

tropas do Sul, geralmente eram de curta duração. Não empenhavam as outras províncias, praticamente. As condições geográficas brasileiras favoreciam essa circunscrição ao Sul, particularmente a posição de nossos vizinhos argentinos e uruguaios.

O Paraguai, no entanto, mudou esse quadro. O adversário passou anos a se preparar para o conflito. Ele estava em seu território, de difícil acesso para quem não conhecia. O Paraguai possuía soldados de grande bravura, reconhecidos até por seus adversários. E as comunicações com o país eram praticamente por meio do uso dos rios. Era um Teatro de Operações muito distante da Corte, no Rio de Janeiro.

A demora de chegar o fim da guerra a tornou, passo a passo, impopular. Carreou vários batalhões para o exterior. Transformou organizações policiais, incluindo a Corte, em tropas para essa luta. Consumiu elevadas somas em dinheiro, sempre agravante do Tesouro nacional. Além disso, levou muitas vidas além das guerras a que os brasileiros se acostumaram.

Caxias se tornou patrono do Exército e recebeu a alcunha de O PACIFICADOR. Seu prestígio já era grande em vida. O marechal foi glorificado pela sua conduta em todas as campanhas militares pelas quais passou. Contudo, seu prestígio não foi suficiente para torná-lo um ícone de toda a instituição.

No dia de seu nascimento, 25 de agosto, celebra-se o “Dia do Soldado”. Entretanto, Caxias morreu em 1880, e só em 1923 o Exército passou a cultuá-lo oficialmente. Durante quatro décadas, a principal comemoração militar brasileira ocorria no aniversário da batalha de Tuiuti (24

de maio de 1866), a maior da Guerra do Paraguai, tendo em Manuel Luís Osório (1808-1879), comandante das forças brasileiras, seu principal herói. A partir da introdução do “culto a Caxias” em 1923, nas décadas seguintes ocorreu a substituição de Osório por Caxias como modelo ideal do soldado brasileiro. Este artigo examina esse processo de institucionalização do “culto a Caxias” no Exército, ponto focal de um conjunto de investimentos simbólicos da elite militar nas décadas de 1920, 30 e 40.²

O objetivo do presente trabalho foi o de utilizar o pronunciamento que Luís Alves de Lima e Silva fez no Senado em sessão de quinze de julho de 1870, como base de uma análise pós-ação (APA). A sua fala ocorreu como resposta a uma série de críticas que lhe foram dirigidas, particularmente por alguns dos senadores do Império. O autor deste trabalho se baseou no que consta como previsão depois do encerramento das operações.

O trabalho se fundamentou, na sua essência, nos Anais do Senado sobre as sessões em que ocorreram embates. As citações mantiveram a mesma grafia que se encontra nas fontes citadas. O autor do trabalho procurou um ponto de vista que mostrou que os políticos de ontem, como os de hoje, não se esquivam de atacar ninguém, nem mesmo um militar de honra comprovada ainda em vida.

O trabalho se desenvolveu a partir de três fases. A primeira fase apresentou a volta do duque de Caxias à sua residência, no Rio de Janeiro, explorando seu estado de saúde. A segunda fase apresentou algumas críticas dirigidas a ele. A terceira fase, por fim, realizou

um resumo da sua fala no Senado, apresentando os aspectos que ele explorou para justificar suas decisões no Paraguai.

O retorno à Corte

O marquês de Caxias chegou ao porto do Rio de Janeiro quase como um desconhecido. Veio de Montevidéu embarcado no vapor São José. Chegou ao cais por volta das oito horas da noite. Chegou como se fosse um desconhecido. O imperador foi ao cais quando Rebouças chegou ao Rio de Janeiro. Porém, não se encontrava lá quando o velho Caxias pôs o pé de volta à cidade.³

O marechal, quase incógnito, toma uma sege, uma antiga carruagem fechada, de duas rodas, varais e um só assento, com a frente fechada por cortinas ou vidraça e puxada por dois cavalos. Nela segue para sua casa na Tijuca, na Rua Conde de Bonfim, nº 186.⁴ Ficou por lá para se manter afastado da movimentação da cidade, discreto como sua chegada, sem repicar de sinos e sem o espocar de foguetes.⁵

Caxias passou dois anos longe do lar. Ele se recolheu, na sua volta, ao seu lar e à sua família. Pouco saiu, recuperando-se de sua estadia nos campos de batalha do Paraguai. Foi adoentado e voltou ainda mais desgastado. Sua saúde voltou muito abalada. Sua própria esposa notou seu abatimento quando pisou a casa, no seu retorno. Priorizou seu restabelecimento em casa durante os dias que se seguiram.⁶

O dia seguinte à sua chegada marcou o reconhecimento dos seus compatriotas. Vários coches e carruagens, políticos conserva-

dores e gente do povo. Todos pareciam reconhecer, mais uma vez, o valor e o alcance dos serviços mais uma vez prestados pelo velho soldado. Porém, uma ausência se destacou: o imperador Dom Pedro II não estava entre os que o cumprimentavam.⁷

O imperador era arredio a festas, às vistas e à concessão e títulos de nobreza. Mesmo assim, embora não se tenha juntado aos cumprimentos a Caxias, recompensou-o. Concedeu a Grã-Cruz Efetiva da Imperial Ordem da Rosa. Concedeu, também, ao velho marechal, o segundo e único título de duque a um nascido em solo brasileiro. A mesma dignidade só foi dada à duquesa de Goiás, filha do primeiro imperador do Brasil e da marquesa de Santos. Tal título, por si só, é uma prova do enorme prestígio de que Caxias gozava.⁸

O duque de Caxias se queixava de dores no fígado inflamado. Escreveu a Osório, companheiro de lutas, mencionando esse fato. Ele passou a andar a cavalo próximo da sua residência, ao se recuperar. Fora isso, compareceu a reuniões do Partido Conservador. O resto do tempo ficava em casa, junto à sua família. Além disse, queixava-se dos chamados casacas, como chamavam os membros do Partido Liberal.⁹

Ataques a Caxias

A defesa da pátria chamou os militares à batalha por todo o Império. A união de um país-continente se fez à custa do pulso firme dos governos imperiais e da ação de uma pesada mão militar. No entanto, os círculos políticos muitas vezes os atacaram, muitas vezes

os adularam. Isso se agravou, entre outros aspectos, pela integração dos próprios militares na vida política do país.

Os valores militares, de honra, dever e pátria, são muito fortes. Um político pode ser insultado e até sorrir de volta. O militar não. Seus valores são exacerbados pelas situações de perigo em que se coloca na guerra. Sua conduta se pauta em um extremo patriotismo, em que seu país está acima de sua própria vida. O juramento à Pátria, via de regra, envolve a doação de sua própria segurança. Neste caso, o Brasil veio antes de tudo. Oliveira Vianna ressaltou:

O militar tem, com efeito, por educação e por dever, o sentimento muito vivo do seu pundonor pessoal, da dignidade de sua farda e dos seus galões: a própria condição de guerreiro em perspectiva, de homem destinado a uma missão de bravura, justifica perfeitamente esta mentalidade especial. O militar tem, pois, que ser absolutamente intransigente no tocante ao pundonor profissional.¹⁰

A Guerra da Tríplice Aliança encontrou vários militares do mesmo lado das tropas, mas em lados opostos da tribuna. Assim como Caxias integrava a ala dos Conservadores, Tamandaré se alistava nas fileiras do Partido Liberal. Muitas vezes Caxias foi atacado nos salões do Senado e retrucou com a tenacidade que demonstrava em batalha. Afinal, como destacava o visconde de Ouro Preto, durante a famosa Questão Militar:

O cidadão, porque veste farda não perde as suas garantias nem seu direito a defesa. As imunidades parlamentares não vão nem podem ir ao ponto de privar aquele que é vítima de investidas, da faculdade de justificar-se com a maior ou

menor energia, ainda que seja militar. O militar, como qualquer outro cidadão, tem o direito de manifestar livremente o pensamento. Esse direito constitucional só pode sofrer as limitações que lhe puseram as ordenanças do Exército e da Armada previstas pela própria Constituição. Ora, o que proíbem as leis militares? Que o oficial injurie o seu superior, ofenda o seu camarada ou estabeleça polémica sobre assuntos que afetam a disciplina. Nenhuma dessas hipóteses justificou a repreensão. O deputado, o senador não é superior nem camarada do oficial: o assunto nada tinha com a disciplina; portanto, essa advertência foi injusta.¹¹

Caxias sofreu críticas inclusive de quem esteve em combate. Não faltaram detratores que se colocaram a analisar suas decisões, agravar supostas indecisões e colocar em dúvida sua capacidade de comando. Entre eles, um aluno do 6º ano da Faculdade de Medicina, em Salvador. Também era ex-primeiro cirurgião em comissão do Corpo de Saúde do Exército em Operações no Paraguai. Seu nome era Satyro de Oliveira Dias:

Ha factos tão eloqüentes de inépcia e falta de tino militar no commando do Duque de Caxias, que, por extraordinários, vêem-se os «duquistas» obrigados a nega-los por todos os meios, confirmando a verdade e critério desta reflexão de um célebre historiador romano: «*quiaplerique, quæ delictareprêhon-.decis, malêvolentia et invidia dictaputant*».¹²,¹³

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

As maiores acusações ocorreram no Senado. Elas partiram dos “casacas”, os Liberais, seus inimigos políticos. As atenções deles se focavam nas ações do Marechal durante a Guerra da Tríplice Aliança. Apesar de

ridículas e absurdas, serviram de base para um ataque planejado à dignidade de Caxias. Os ataques colocaram em dúvida seu profissionalismo e sua honra.¹⁴

As discussões começaram, no âmbito do senado, na presença de Caxias, na sessão de 1º de julho de 1870. O assunto girou em torno da fixação das Forças de Terra para o ano financeiro de 1871-1872. O Senador Silveira da Motta iniciou uma série de questionamentos acerca da guerra. Indagou a respeito de aspectos políticos, logísticos, de pessoal, entre outros aspectos. Caxias estava presente nessa sessão e presenciou os questionamentos. Retrucou alguns pontos levantados por Silveira da Motta, junto com o próprio ministro da Guerra.¹⁵

As discussões continuaram na sessão do dia 7 de julho. O senador Silveira da Motta continuou os seus questionamentos sobre as decisões tomadas no Paraguai. Trouxeram a lume uma série de pontos da guerra, incluindo a leitura de jornais. O duque, em frases curtas, respondeu aos questionamentos feitos. Rebateu uma série de acusações a ele dirigidas como, por exemplo, abandonar o Exército em Assunção.¹⁶

As questões continuaram na sessão do dia seguinte. Caxias não estava presente. O ministro da Marinha foi o interlocutor mais ativo a respeito da guerra. O duque retornou na sessão de 9 de julho. Nesta sessão o senador Silveira da Motta não estava presente. A sessão foi curta. O mesmo ocorreu na sessão de 11 de julho: presença de Caxias e ausência de Silveira da Motta.¹⁷

No entanto, em 12 de julho de 1870, ambos se encontravam no Senado. Os embates re-

tornaram e cresceram. A sessão do dia seguinte contou com a presença de ambos, sendo que Silveira da Motta chegou depois da chamada feita. Os debates continuaram acalorados. Caxias, como de hábito, se manifestou em frases curtas, às vezes monossilábicas. A sessão de 14 de julho não possuiu expediente.¹⁸

Ao longo dos embates, Caxias preparou suas respostas à Câmara Alta do Império. Preparou sua defesa com bastante calma. O velho soldado utilizou como fundamentação de suas palavras os fatos que trouxera de sua atuação no Paraguai. Não estava em julgamento. Porém, era como se estivesse em um tribunal. Dirigiu-se, no dia 15 de julho de 1870, uma quarta-feira, para o Senado. Doente, foi para lá fazer um discurso histórico.¹⁹

Análise das decisões na guerra

A 29ª sessão do Senado teve a presença de trinta senadores. Iniciou às onze horas, conforme reza sua ata. O expediente contou com a leitura de um ofício. A Ordem do Dia tratou da concessão de pensões. A seguir, o Voto de Graças. Este prosseguiu a discussão quando o duque de Caxias pediu a palavra. O velho marechal iniciou o seu pronunciamento com as seguintes palavras:

Não pedi a palavra, Sr. presidente, como era de presumir, para me oppôr a nenhum dos periodos da resposta á falla do throno: voto por todos elles, especialmente por aquelle que contém bem mercidos elogios ao augusto príncipe que commandou o exercito na ultima phase

da guerra. Pedi a palavra, Sr. presidente, para defender-me das inúmeras acusações dirigidas contra mim nesta casa, em minha ausência, e posto tenha consciência de que meus generosos amigos responderam victoriosamente a todas ellas, todavia cumpre-me dar algumas explicações relativamente a factos que se passaram comigo e só por mim podem ser explicados. Aproveitarei também a occasião de responder ás tres perguntas que me fez o nobre ex-presidente do conselho.²⁰ (N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

O duque começou seu discurso a partir da exposição de um histórico da guerra que travou:

Antes, porém, de tratar destes assumptos, o senado me permitirá que exponha o historico de tudo quanto se passou comigo, desde o começo da guerra declarada ao Brasil pelo dictador do Paraguay.²¹ (N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Ministro da Guerra, Beaurepaire Rohan, procurou Caxias para planejar as providências necessárias. Pediu um Plano para a Campanha. Apresentou a solicitação do ministro, de 20 de janeiro de 1865, com quatro pontos a serem respondidos. Caxias apresentou suas respostas a esses questionamentos, em sua resposta, de 25 do mesmo mês e ano. Os documentos foram apresentados ao Senado.²²

O duque narrou suas ações junto ao ministro da Guerra no preparo para a Campanha. Salientou a importância da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul. Mostrou ao ministro a necessidade de comissioná-lo, caso comandasse a Campanha, como presidente da Província. Assim, teria comando sobre aquela força. Porém, todas as tratativas não lograram êxito porque Rohan foi demitido do Ministério.²³

O visconde de Camamu assumiu o Ministério da Guerra. Caxias, então, se afasta, “pois era sabido no exercito que o visconde de Camamú era o único official general do Imperio com quem eu não entretinha relações”.²⁴ Não o desejava como subordinado. Com certeza, não o desejava como superior.

O marechal, meses depois, acompanhou o imperador ao Rio Grande do Sul. Retornou às terras gaúchas para assistir à rendição dos paraguaios em Uruguaiana. Passaram-se mais alguns meses, quando foi procurado de novo. Desta vez, pelo então presidente do Conselho de Ministros, Sr. Góes de Vasconcellos. Nas palavras de Caxias:

depois que soube do desastre de Curupaity, julgou conveniente entender-se comigo a respeito dos negócios da guerra, tendo sido antes prevenido das suas intenções pelo Sr. ministro da justiça, e disse-me que o governo necessitava dos meus serviços no Paraguay; e eu, Sr. presidente, apesar de ter soffrido o que acabei de relatar, não hesitei um momento em pôr-me á sua disposição immediatamente, sem offerecer a menor condição!²⁵

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Aceitou o comando. Fez uma única exigência: contar com a plena confiança do governo. Tratou de esclarecer a conduta que teria com os chefes dos exércitos aliados. Recebeu as instruções que ele julgou satisfatórias. Depois, seguiu para os campos de batalha no Paraguai. Percebeu, no caminho, que a situação não era boa:

Segui para o Paraguay e fui tomar conta do exercito. Relevo agora fazer algumas observações sobre o estado em que o encontrei. Ao entrar no Rio da Prata, a primeira cousa que chamou minha attenção foram dous

hospitales no Estado Oriental, outros dous em Buenos-Ayres, tres em Corrientes, um no Cerrito, um no Itapiru, outro no Passo da Patria e um ultimo em Tuyuty. Já se vê pelo numero dos hospitales qual poderia ser o numero dos doentes. Era sem duvida nenhuma a terça parte da força do exercito que se achava fóra das suas fileiras.²⁶

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Caxias encontrou uma diversidade de aspectos em uma força que deveria estar coesa. Resolveu centralizar as medidas para igualar as regras de funcionamento do Exército. Reorganizou os hospitais, centralizando-os em Corrientes. Tomou uma série de decisões com a finalidade de zelar pelos cofres públicos, evitando o desperdício dos recursos alocados no teatro de operações. Defendeu que não prosseguiu na Campanha porque precisava reorganizar as condições da Força que comandava.

O marechal, mesmo no Paraguai, sofria críticas. Pediu sua demissão ao Ministério, que foi negada. As acusações seguintes foram defendidas pelos seus amigos. Mas cumpria, naquela sessão no Senado, esclarecer alguns pontos que o Velho Soldado julgava serem importantes. Seus acusadores não foram ao Paraguai, mas não paravam de culpá-lo. Mesmo fatigado, continuou seu libelo.²⁷

Esclareceu a mudança do local das prisões para os navios. Defendeu-se de cometimento de arbitrariedades na concessão de gratificações e promoções. Apresentou documentos refutando essas acusações. Relatou a concessão de condecorações com seus efeitos nocivos à disciplina. Mencionou que distribuiu medalhas atendendo aos maiores escrúpulos possíveis.²⁸

O maior ataque, segundo o próprio duque, foi sua retirada do Paraguai. Nunca o Velho Soldado se retirara da luta. Lembra o autor deste trabalho que o próprio Osório já se retirara por motivo de doença e ferimentos. Os seus acusadores não concordavam com esse motivo. Assim falou Caxias:

Senhores, uma das acusações que mais mágoa me causou, foi a de minha retirada do exercito sem licença do governo.

Já no senado foram lidas as communicações que recebi do ex-ministro da guerra, o nobre senador pelo Piauhly, as quaes foram ratificadas por um apoiado que nessa ocasião deu S. Ex. com todo o cavalheirismo. Essas communicações importavam uma concessão de licença. E', pois, indubitavel que a tinha desde o ministério anterior. Este successor achou-me no exercito e em misero estado de saude. Entreguei-lhe o commando, como consta da ordem do dia de 18 de Janeiro, e parti para Montevidéo, onde, encontrando um dos membros do ministerio que seguia para o Rio da Prata em missão especial, delle soube que o governo imperial me havia concedido licença para vir tratar de minha saude no Brasil, senão obtivesse melhoras naquella cidade, e como as não obtivesse retirei-me para esta Côrte.²⁹

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Outra acusação: “Ter reduzido os batalhões de voluntários, privando alguns de suas bandeiras”. Respondeu que os corpos estavam, por causa dos combates, reduzidos, o que forçou sua decisão. Além disso, não podia deixar os batalhões com mais de uma bandeira. A acusação se estendeu à proibição de os voluntários usarem suas legendas. Nenhuma ordem se achou corroborando isso.³⁰

Uma crítica recorrente foi que Caxias não perseguiu Lopes depois da Batalha de Lomas Valentinas. Respondeu que a Ordem do Dia de 14 de janeiro de 1868 respondia a isso. Em seguida, detalhou suas decisões para esclarecer quaisquer dúvidas. Explicou suas ações na Dezembroada. Como bem asseverou a seus pares:

Senhores, nada mais facil, depois dos factos consummados, e conhecido o terreno, a força e manobra do inimigo, de longe e com toda a calma e sangue frio, a vista de partes officiaes, criticar operações e indicar planos mais vantajosos

Mas o mesmo não acontece a quem se acha no theatro das operações, caminhando nas trevas, em paiz inteiramente desconhecido, inçado de dificuldades naturaes. (Apoiados) E' preciso que os nobres senadores se convençam que a guerra do Paraguay desde o seu começo, foi feita ás apalpadellas. (Apoiados) Não havia mapas do paiz por onde me podesse guiar, nem práticos de confiança. Só se conhecia o terreno que se pisava. Era preciso ir fazendo reconhecimentos e explorações para se poder dar um passo.³¹

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Mais à frente, ponderou:

Senhores, não persegui a Lopez por muitas razões: 1ª, porque eu não podia saber por onde Lopez fugiria. O exercito inimigo desfez-se na frente do nosso. Ahi está o depoimento do chefe de estado-maior do exercito paraguay; é elle quem declara que Lopez se escapara pela picada do Potreiro Marmoré com 60 cavalleiros. Como o havia de perseguir em uma circumferencia de três léguas que comprehendia a área das operações?

Eu estava em um ponto, Lopez fugiu pelo outro, mettendo-se pela matta; como perseguiu-o? Todavia, nesses logares eu tinha

mandado colocar cavallaria; mas ele podia passar pela matta sem que a cavallaria o presentisse. Um grupo de 60 homens em um grande combate passa desapercibido. Além disto esse grupo internou-se em uma matta que ninguem sabia que dava transito. Tinha de mais á minha retaguarda Angostura, com 15 peças de artilharia e 2,000 homens pouco mais ou menos de guarnição; como havia de entranhar-me com o exercito por esses caminhos desconhecidos? Não era possivel, sobretudo estando em nossa retaguarda Angostura occupada pelo inimigo. Entretanto uma partida teve ordem de explorar a matta e trouxeram della muitos fugitivos. Naquella ocasião ninguem sabia por onde se tinha escapado Lopez; só tres dias depois é que se soube a direcção que elle tinha tomado, quando alguns officiaes, dos 60 cavalleiros que o acompanharam, deixando-o em caminho, se me vieram apresentar, e disseram que Lopez se dirigia para Ascurra; mas eu não podia confiar ainda inteiramente em taes noticias.³²

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Os críticos do duque desconheciam o terreno no teatro de operações. O Rio de Janeiro nada se parecia com o distante Paraguai. As condições do país vizinho eram extremamente insalubres. Tudo era desconhecido para as tropas que lutaram no Paraguai. O Chaco, como Caxias asseverou, trazia para o Exército uma dificuldade muito grande:

Não é possivel, Sr. presidente, fazer idéa adequada dos terrenos do Chaco. Durante o tempo secco, criam uma crosta de tres ou quatro palmos de grossura, que permite a passagem de um ou outro cavalleiro, de uma ou outra carreta; mas se o transito se amiuda e o trafego augmenta, a terra fende-se e cavallo, cavalleiro, carretas e tudo é absorvido

por tremedaes insondáveis. Em luta com tantas e tamanhas difficuldades, pisando-se um terreno completamente desconhecido, como se quer exigir impossiveis? Onde está a culpa attribuida aos dous generaes? Póde ser que o meu nobre collega se fosse general e lá estivesse, procedesse de outro modo; eu fiz o que julguei mais acertado.³³

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Outra acusação foi a retirada de Humaitá. Silveira da Motta e Caxias esgrimiram sobre o que constava no Diário do Exército. O marechal refutou as acusações que recebera do outro senador. Além disso, relembrou a honra do marquês do Herval e que, se a acusação fosse verdadeira, já teria, dois anos antes, quando o Diário do Exército teve sua publicação. E teria se manifestado sobre os eventos dos quais ele e Caxias sofriam acusações.³⁴

A retirada de Assunção, sem capturar Lopes, foi outro pomo da discórdia entre Caxias e seus acusadores. Reiterou que o seu estado de saúde piorou, conforme ficou a comprovação quando chegou ao Rio de Janeiro. Ao contrário do objetivo que o imperador desejava, ou seja, o de capturar o presidente paraguaio. Assim, retirou-se de Assunção e retornou ao Brasil:

Tendo chegado o general que devia substituir-me, entreguei-lhe o commando das forças que alli se achavam.

Entendi que não devia permanecer na Assumpção, porque essa permanencia, além de agravar o máo estado de minha saude, seria um embaraço para meu successor.

Um general da minha idade e graduação, tendo occupado o lugar que occupei, permanecendo na localidade em que está outro, aquelle que o vae substituir interinamente, quem quer que elle seja, este nada resolve

sem que o outro seja ouvido; taes eram meus sofrimentos que não me julgava em circunstancias de dar conselhos: necessariamente minha presença havia de perturbar a marcha do serviço. Assim, julguei que devia retirar-me immediatamente para Montevideo, que era ainda districto do exercito, e ahi aguardar as ultimas ordens do governo. Eu já tinha duas licenças, uma do Sr. Paraguá e outra do Sr. barão de Muritiba.³⁵

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Acusaram-no de trazer animais além da cota permitida. Provou que trouxera menos do que tinha direito. Acusaram-no de não recolher armas brasileiras caídas no campo de batalha, o que armou os paraguaios. Os próprios adversários, em seus relatos, não comprovaram isso. Retrucou, com uma resposta clara, a todas as acusações de que fora alvo. Não tinha a verve de orador e, por isso, encerrou sua fala:

Senhores, o senado sabe que não tenho o habito da tribuna.

[...]

Se o meu estado de saude era pessimo, ao retirar-me do Paraguay, hoje não está ainda de todo restabelecido. Paro aqui, por ora; se fôr preciso darei depois outros esclarecimentos.³⁶

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

O esforço foi grande. O Velho Soldado desceu da tribuna muito fatigado. Porém, não deixara seus detratores sem um esclarecimento. Os políticos do Império, sobretudo seus adversários Liberais, assistiram a um prestigiado general, altamente condecorado, espada invicta, que provou, e mais de uma vez, sua competência no ofício da guerra. Seguiu assim a sessão até as três da tarde, quando findou.

Considerações finais

Diante das observações do presente trabalho, o autor verificou que Caxias não se absteve em se colocar à disposição para ir à guerra, em 1865, mercê de sua avançada idade. Contudo, não se logrou êxito nesta empreitada por não gozar da confiança do ministro da Guerra. Demonstrou, ao aceitar o comando em 1868, que colocava a confiança como única exigência de se pôr em combate. Mostrou que não se comanda sem o respaldo político. Incluindo os aliados com quem tratou.

O duque sofreu uma série de acusações sobre sua conduta enquanto reorganizava o Exército. As acusações mostraram-se, uma a uma, infundadas. Mostraram, mais uma vez, que a extensa folha de serviços dedicados à pátria não foi suficiente para aplacar seus algozes. Respondeu, com firmeza, cada uma delas. Um chefe militar de prestígio foi aviltado em seu comando por muitos que jamais comandaram ou puseram os pés no campo de batalha.

O terreno sempre foi um dos mais importantes fatores da decisão, junto com a missão, o inimigo e os meios disponíveis. O autor deste trabalho lembrou que Wellington, em Waterloo, devido ao seu conhecimento do terreno, escondeu parte de suas tropas praticamente a batalha toda. Essa tropa foi decisiva no final daquele confronto. Além disso, o professor Doratioto, que esteve no local, comentou, contemplando o terreno mais de cem anos depois, verificou que não se podiam tirar conclusões definitivas sobre a fuga do presidente paraguaio.


A volta ao Brasil foi um momento crí-

tico. Caxias chegou ao Paraguai com a saúde já debilitada pelas fadigas das várias guerras. Apesar disso, não se esquivou ao primeiro convite, no começo do conflito, como não o fez depois, dessa vez indo para a guerra. Chegara ao teatro de operações aos sessenta e cinco anos. Era senador e marquês e podia se recusar a ir, visto os serviços prestados. Mas não o fez. Passou pelas mesmas agruras da tropa, entrando em combate e participando dos perigos. Cumprira a missão até onde a saúde permitiu.

Os políticos brasileiros do Império, ávidos em utilizar a figura do Duque para atacar o governo do imperador. Os interesses falaram mais alto do que a honra de um soldado. Seus feitos em batalha, sob constante risco de vida, não foram suficientes para livrá-lo das críticas. Mais marcante foi que seus detratores não eram comandantes de mesmo nível, mas políticos.

O presente trabalho teve o objetivo de mostrar as considerações de Caxias como uma APA. Ressaltou seu profissionalismo de soldado, sua serenidade em se manifestar em sessão, sua capacidade de responder seus detratores sem lhes dirigir ofensas de mesmo nível. O discurso, disponível como uma fundamentação clara e sustentada em fatos, mostrou as razões pelas quais um chefe militar experiente, no fragor da luta, na tensão da guerra, tomou suas decisões.

As lições tiradas da sessão do Senado de quinze de julho de 1870 mostraram para todos que cada um tem seu papel na gestão do Estado. Aos militares cabe a sua defesa, a sua manutenção e a sua garantia. Mesmo que, para isso, necessite imolar sua vida. Contudo,

o soldado também é um cidadão, o militar também é um brasileiro, os homens e mulheres da guerra também possuem o direito de se manifestar por um Brasil melhor. 

Referências

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Perfis Parlamentares 5**: Afonso Celso (Visconde de Outro Preto). 1978.

CARVALHO, Afonso de. **CAXIAS**. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1976.

CASTRO, Celso. **Entre Caxias e Osório**: a Criação do Culto ao Patrono do Exército. Revista de Estudos Históricos da FGV. V. 14, n. 25. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2112>.

DIAS, Satyro de Oliveira. **O Duque de Caxias e a Guerra do Paraguai**. Typographia do Diário. Bahia, 1870.

EDITORA TRÊS. A vida dos grandes brasileiros 6: Duque de Caxias. Rio de Janeiro, 2001.

O PASSEADOR TIJUCANO. Disponível em: <www.opasseadortijucano.com.br/2015/07/rua-conde-de-bonfim-186-um-endereco-de.html>. Acesso em 2018.

SENADO FEDERAL. Anais do Senado. Ano de 1870, Livro 2 (Annaes do Senado do Imperio do Brazil). Disponível em: <www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1870/1870%20Livro%202.pdf>.

_____. **O Senado Federal na História do Brasil**, volume 1. 2015.

VIANNA, Oliveira. **O Ocaso do Império**. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/o_ocaso_do_imperio_-_oliveira_viana_-_para_internet.pdf>.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ SENADO FEDERAL, 2015.

² CASTRO, 2000.

³ EDITORA TRÊS, 2001.

⁴ O PASSEADOR TIJUCANO, 2018.

⁵ CARVALHO, 1976.

⁶ CARVALHO, 1976.

⁷ EDITORA TRÊS, 2001.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ VIANNA, 2006.

¹¹ CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1978.

¹² “Para a maioria das pessoas, sejam quais forem os erros, culpa-se a malícia e a inveja” (Tradução do autor deste artigo).

¹³ DIAS, 1870.

¹⁴ CARVALHO, 1976.

¹⁵ SENADO FEDERAL, 1870.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² Idem.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.